

# O papel e o lugar do afeto (à luz da psicanálise) no fazer clínico interacionista: atravessamento possível ou utopia ?

Carlos Brito

*“Não é a fome ou a sede, mas o amor ou o ódio, a piedade, a cólera que aos primeiros homens lhes arrancaram as primeiras vozes... Eis por que as primeiras línguas foram cantantes e apaixonadas antes de serem simples e metódicas”.*

*Marilena Chaui.*

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre um possível atravessamento entre a psicanálise e o interacionismo brasileiro, enquanto áreas de conhecimento científico, visando a repensar o papel do afeto nos distúrbios de comunicação. Partindo da premissa de que, o interacionismo brasileiro (DE LEMOS) é uma perspectiva oriunda da lingüística (análise do discurso), preocupada basicamente com o funcionamento da linguagem, onde e como transversalizá-lo com o papel e o lugar do afeto (via psicanálise) na situação terapêutica, para poder compreender melhor as variáveis inconscientes envolvidas no funcionamento da linguagem da criança, e assim tentar ter acesso mais verdadeiro, mais científico de suas dificuldades de aprendizagem?

**Palavras-chave:** interacionismo brasileiro, psicanálise, afeto.

---

*Psicólogo, Fonoaudiólogo, Professor-assistente do Departamento de Psicologia, mestrando em Fonoaudiologia pela Puc-SP  
Endereço para correspondência: Rua Arnóbio Marques, 235,  
Boa Vista  
Recife-PE, Tel.: 4215497/2225928*

## Abstract

This paper aims at reflecting on a possible crossover point between psychoanalysis and Brazilian interactionism as areas of scientific knowledge in order to rethink the role of affection in communicative disturbance. Starting from the premise that Brazilian interactionism (DE LEMOS) is a perspective that comes from linguistics (discourse analysis), as it focuses basically on language functioning, it is important to question: ?Where and how crossover takes place using the role and place of affection (via psychoanalysis) in therapeutic situation in order to have a better understanding of the unconscious variables involved in how the child's language functions and therefore to try to have a more accurate and more scientific knowledge of the child's difficulties in learning ?

**Key words :** Brazilian interactionism, psychoanalysis, affection.

## I – INTRODUÇÃO: OU SOBRE O DILEMA DO QUESTIONAMENTO.

Enquanto psicólogo e fonoaudiólogo, sempre me vi envolvido com o fenômeno da fala e atento a ele, enquanto expressão de significações, no discurso de minha clientela, caracterizada por crianças em fase de educação infantil, que apresentavam dificuldades de aprendizagem (leitura – escrita).

Toda uma leitura psicopedagógica em relação à questão da aprendizagem sempre me levou a procurar entender e desvelar as determinações inconscientes envolvidas nesse processo (aprendizagem) e como poderiam estar sendo identificadas na fala das crianças.

Em minha prática clínica, a questão do conhecimento e também do “desconhecimento” bem como sua sintomatologia (via verbalização) parece se mostrarem, principalmente, a partir do que não se dizia, do não-dito, daquilo que não era verbalizado, do que, por razões várias, não estava sendo “nomeado”.

A minha escuta psicanalítica do “setting” terapêutico sempre me apontou (o) e (no) afeto, (o) e (no) desejo, o possível acesso e a provável elucidação das questões não-ditas, não-verbalizadas na fala das crianças, embrenhadas à própria problemática de aprendizagem apresentada, como também a questionar os referenciais teóricos sobre a linguagem numa perspectiva cognitiva.<sup>1</sup>

Esses referenciais, quase sempre assentados na dialética pensamento-linguagem, enquanto funções cognitivas, não me davam um real suporte para poder compreender a linguagem, a fala infantil, em sua funcionalidade bem como em sua possibilidade de tradução do processo de aprendizagem.

No momento em que me deparei com a perspectiva interacionista de De Lemos, “com uma concepção de linguagem que lhe permitia ver a linguagem em seu funcionamento, ou ainda em sua singularidade” (FREIRE, 1996, p. 3), comecei a acreditar na necessidade de aprofundamento nesse referencial teórico, como um canal de amadurecimento de meu fazer clínico em busca de uma interdisciplinaridade.

Esse encontro e sua possível aplicação em minha prática, alicerçada por uma escuta psicanalítica, colocou-me em frente de um dilema de natureza epistemológica e científica.

Sendo o interacionismo brasileiro (De Lemos) uma perspectiva oriunda da área da lingüística (análise do discurso) preocupada basicamente com o funcionamento da linguagem, onde e como transversalizá-lo com o papel e o lugar do afeto (via psicanálise) na situação terapêutica, para poder compreender melhor as variáveis (inconscientes) envolvidas no funcionamento da linguagem da criança, e assim tentar ter um acesso mais verdadeiro, mais científico de suas dificuldades de aprendizagem?

O objetivo deste trabalho é discutir, repensar o papel e o lugar do afeto numa leitura psicanalítica, a partir de uma clínica interacionista com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, visando a ver não apenas, na funcionalidade e / ou na singularidade do discurso infantil, um meio para compreensão da problemática e concomitante terapêutica das dificuldades em aprender.

De fato, quero acreditar que essa funcionalidade e singularidade têm que ser interpretadas e contextualizadas a partir de uma transcendência do eminentemente lingüístico, indo ao encontro do inconsciente infantil, local onde o afeto e o desejo repousam freneticamente enquanto linguagem e dinâmica constitutiva.

## II – A questão da aquisição de linguagem no interacionismo brasileiro: visitando a obra de Lemos

*“Interação é sem dúvida produção de sentidos”.*

*De Lemos*

Compreender a perspectiva teórica sobre a aquisição de linguagem, de acordo com De Lemos, é necessariamente ter que revisitar todos os seus escritos desde o início da década de 80.

Penso que poderíamos iniciar esse revisitar, refletindo sobre a possibilidade de ter sido a partir de uma ótica da análise do discurso, tendo como quadro epistemológico a articulação de três áreas do conhecimento científico (materialismo histórico, lingüística e teoria do discurso) que ela dá início a sua proposta de compreensão do fenômeno de aquisição de linguagem, na criança, questionando as perspectivas teóricas de base inatista e estruturalista, por procurarem descrever estágios, no desenvolvimento lingüístico e não revelar relações entre eles.



Passa, assim, a se preocupar com a questão da aquisição da linguagem por parte da criança enquanto objeto sobre o qual ela vai operar.

É interessante observar todo o seu percurso de leituras e releituras da perspectiva socioconstrutivista, onde vai poder desvelar “uma visão de criança como um sujeito já constituído cujo acesso ao objeto lingüístico é direto e, portanto, não mediado pelo outro, isto é, por um membro experiente de sua espécie, representante da ordem simbólica que mediará, por sua vez, a relação da criança com estados de coisas do mundo”. (DE LEMOS, 1989, p. 1)

Nessa linha de pensamento, demonstra interesse pelos processos dialógicos na questão da aquisição da linguagem, tomando o diálogo (mãe com criança) em sua funcionalidade, como fenômeno de natureza discursiva a partir de uma unidade de análise. Ao mesmo tempo, vislumbra o lugar de inserção da criança na própria linguagem, tentando ressaltar que, quando a criança começa a habitar o discurso do Outro, instala-se com “tudo de bagagem” e ressignifica o discurso, que, no ato do diálogo, acaba pertencendo-lhe.

Aqui, ela começa a elucidar a idéia de “linguagem enquanto efeito de sentidos” (REGINA FREIRE)<sup>2</sup>, quando chama a atenção dos três processos constitutivos do diálogo entre adulto e criança (especularidade, complementaridade e reciprocidade).

Nesse momento de seu pensar, a criança vai começar a assumir o papel desempenhado pelo adulto, passando, como ela diz, de interpretado para intérprete de si próprio e de seu discurso.

A linguagem em seu funcionamento vai-se delineando como objeto de estudo, refletindo sobre seu papel (linguagem) na passagem da atividade sobre o mundo para a atividade sobre linguagem enquanto objeto.

É a partir de uma reflexão cada vez mais sistemática sobre o papel da criança, enquanto autor de seu discurso, que vê, nela, o papel de agente capaz de espelhar, recortar e dar sentido ao comportamento do Outro e, posteriormente, de si próprio, reconhecendo que a criança possui um saber sobre sua própria língua, implicando ver o discurso como local de experimentar e confrontar hipóteses numa prática reflexiva que toda aquisição conjuntiva exige (observamos aqui uma certa mudança em seu pensar, não significando uma ruptura com suas idéias anteriores).

“Esse momento de transição não significa uma descontinuidade em relação a meus trabalhos anteriores (De Lemos, 1981, 1982, 1985 e outros). Neles, o que se via, ao tomar o diálogo adulto / criança como unidade de análise nas fases iniciais da aquisição, era o efeito lingüístico-discursivo do adulto sobre a criança. O estudo dos períodos posteriores traz à luz outros fenômenos indicativos de que as relações entre os significantes da criança e do adulto, dentro de um espaço discursivo dado, acarretavam uma reorganização / ressignificação no interior do próprio enunciado da criança”. (DE LEMOS, 1992, p. 134)<sup>3</sup>

Revisitando Vygotsky (momento em que questiona a natureza da mediação, não concordando em ver a linguagem enquanto instrumento dessa mediação, mas, sim, considerando a mediação como relação constitutiva, como ação que transforma) como também a obra de SAUSSURE, criticando sua idéia de transparência lingüística (ao estabelecer uma relação entre significado e significante) mas, de certa forma, aproximando-se da fala dele, acerca de relações paradigmáticas e sintagmáticas, que passa por LACAN e por JAKOBSON, que, por sua vez, aprofunda essa questão dos dois eixos da linguagem.

Inicia seu trabalho de reflexão sobre os processos metafóricos e metonímicos na compreensão do processo de assujeitamento da

língua por parte da criança, ficando “mais clara” a sua idéia de opacidade do discurso lingüístico. Opacidade essa que seria desvelada ao longo do jogo dialógico adulto-criança.

Esse “desvelamento” implica ver uma proposta de aquisição / construção de linguagem a partir da passagem do discurso infantil no eixo paradigmático (metáfora) para o eixo sintagmático (metonímia), atravessada por deslizamentos propostos de forma a ocorrer sistematicamente.

Como eixo paradigmático, entendemos o local onde os elementos da língua aparecem em classes, associados por um traço lingüístico que é denominador comum. À base desse traço, estabelecem-se as diferenças e igualdades entre os elementos e as classes, entrando aqui a metáfora como figura básica desse eixo.

Por outro lado, o eixo sintagmático aborda a dependência que existe entre dois elementos seqüenciais numa mesma cadeia, onde o valor de cada um se define por relação ao valor do Outro. Aqui reside a metonímia e fala-se de contigüidade, não se referindo à contigüidade de significantes, mas à contigüidade dos sentidos.

A relação entre esses dois eixos, sem dúvida, vai propiciar uma mobilidade de substituições de elementos equivalentes ao longo do eixo vertical (paradigmático). O elemento selecionado (atrevo-me a falar em intenção do sentido) passa em seguida a ser transportado para o eixo horizontal (sintagmático) do discurso adulto-criança, onde, sem dúvida, vai poder entrar em combinações com outros elementos ali colocados. Isso acaba por acarretar a sintagmacidade da fala como um discurso sem fim.

Acredito que tudo isso tem a ver com o que De Lemos chama de reorganizações e ressignificações no interior do discurso da criança, a partir de uma relação dialógica. (Sem dúvida, todo esse processo parece evidenciar o que se compreende num paradigma de

contemporaneidade por subjetivização).

“É nesse sentido, penso eu que vale a pena insistir em que, na aquisição, o que está literalmente em jogo é a relação da criança com a linguagem. Se há mudanças – e há mudanças – elas são dessa ordem. Creio ter podido apontar aqui como a criança pode sair da posição de interpretada pela fala do Outro, atuante em sua própria fala, para uma posição em que é a língua, enquanto Outro, que a desloca e ressignifica. Na medida em que esses deslocamentos – e os erros que indicam – tendem a desaparecer da superfície da fala, deixando em seu lugar pausas, hesitações e correções da fala, e rasuras na escrita, outras mudanças na relação com a linguagem deslocam a criança para outra posição”. (DE LEMOS, 1995, p. 27)

### III - Compreendendo o papel e o lugar do afeto na linguagem em funcionamento da criança (à luz da psicanálise): a tentativa de atravessamento

*“É fundamental que se dê maior atenção às relações entre o desenvolvimento da linguagem e as forças dinâmicas que atuam entre adultos e crianças no curso do crescimento infantil”.*

*Mauro Spinelli.*

Tendo, no tópico anterior apresentado uma síntese da concepção interacionista de De Lemos sobre a questão da aquisição e funcionalidade da linguagem na criança, faz-se necessário, neste momento, “concretizar” o objetivo do trabalho. Ou seja, partir para a “ousadia” em vislumbrar um atravessamento do acima exposto com a questão do afeto à luz da psicanálise, tendo em mente o fazer clínico interacionista em crianças com dificuldades de aprendizagem.

O caminho de acesso ao mundo da realidade, do conhecimento, ou seja, da passagem da experiência do mundo como caos indiferenciado à possibilidade de simbolizá-lo (via linguagem) é, para o bebê humano, longo e tortuoso.



Esse caminho o leva à representação de si e da realidade através da aprendizagem, outorgando-lhe o direito de assujeitar-se em sua afetividade e desejo. Esse percurso leva-o do paraíso mágico, típico do narcisismo primário, à assunção de sua realidade (via conhecimento) pela incompletude. E ele só se faz possível para o sujeito humano, pela e na linguagem, que traz, em sua essência, a perda da coisa simbolizada.

Essa trilha evidenciada acima parece só ser possível a partir da relação mãe-bebê, naquilo que se compreende por simbiose, onde o afeto e o desejo alimentam e caracterizam toda essa experiência.

“No primeiro tempo levam-se em conta dois personagens, a criança e a mãe, e a relação entre elas. Lacan nos diz que é pela dependência de amor que a criança quer ser o objeto do desejo da mãe. Ela quer ser tudo para sua mãe, quer transformar-se naquilo que a mãe deseja. Pensa que é por causa dela que a mãe é feliz, sem saber que representa outra coisa em outra cena para a mãe, ou seja, a sua plenitude narcísica. Assim, a criança é o falo, e sua mãe tem o falo”. (BARONE, 1993, p. 47)

Nota-se aqui que, desde muito cedo, na relação simbiótica mãe-bebê, o afeto e o desejo em suas matizes conscientes e inconscientes parecem ser a força motriz dos jogos interativos e das aquisições, do contato com a realidade.

De Lemos, a todo momento, em sua perspectiva, chama a atenção para a questão da relação dialógica (mãe e criança) como fenômeno de natureza discursiva, onde, através da interação, a criança vai habitando o discurso do Outro (mãe) resignificando-o, tornando-se mais tarde autor de seu próprio discurso.

Qual o papel do afeto nessa apropriação? Como ele é materializado nessa realidade? Qual a importância de se desejar e sentir-se objeto de desejo da mãe nessa apropriação por meio da fala

enquanto efeito de sentidos do mundo que a circunda?

De Lemos, aprofundando suas idéias, vai dissertando sobre os três processos constitutivos do diálogo mãe-criança (especularidade, complementaridade, reciprocidade), onde, ao meu ver, parece não se vislumbrar o papel “real” do afeto e do desejo enquanto forças propulsoras e catalisadoras.

“O processo de constituição do eu, realiza-se em dois momentos. Através da identificação especular (que segue a identificação primária) e, posteriormente, através da identificação simbólica. Desse modo, a identificação especular, no estágio do espelho de que fala Lacan, já é um segundo tempo da dialética identificatória, que vem instaurar o registro imaginário como lugar das identificações do eu.

A identificação especular consiste em identificar o visto (identificado) como idêntico a si mesmo por aquele que olha (identificante) e diferente de qualquer outro objeto (mãe)”. (VIOLANTE, 1994, p. 106)

Aqui reforça-se o papel do afeto, através do desejo, como o responsável por esse deslocamento.

No momento de transição teórica de sua obra, De Lemos começa a se adentrar no interior mesmo do discurso, vislumbrando cada vez mais um papel mais ativo da criança na reorganização / resignificação de seu discurso.

Por outro lado, parece não se especular a questão do afeto, do desejo, ou seja, os determinantes inconscientes não são apontados enquanto catexia, como agentes dinamizadores dessa mudança.

Mais adiante, quando vem falar sobre a questão dos deslocamentos (eixoparadigmático-metáfora para o eixosintagmático-metonímia), onde, segundo ela, o discurso da criança vai reor-

ganizando-se a partir do contato com o Outro, fica clara a sua crença na importância de se ver a linguagem em sua funcionalidade.

Acredito que caberia, neste momento, ver, nesse Outro, um ser carregado de afeto e movido por desejos, que se torna um agente motivador e impulsionador da criança para um mundo além do simbólico. Funciona como um farol condutor do princípio do prazer (id) para o princípio da realidade (ego).

“Nas primeiras fases do desenvolvimento emocional do bebê humano, um papel vital é desempenhado pelo meio ambiente que, de fato, o bebê ainda não separou de si mesmo. Gradativamente a separação entre o não-eu e o eu se efetua. E o ritmo dela varia de acordo com o bebê e com o meio ambiente. As modificações principais realizam-se quanto à separação da mãe como aspecto ambiental objetivamente percebido.

Se ninguém ali está para ser mãe, a tarefa desenvolvimental do bebê torna-se infinitamente complicada”. (WINNICOTT, 1995, p. 153)

Cabe lembrar que a psicanálise sempre chamou a atenção a se considerar o desejo como desejo do Outro (Lacan). É esse Outro que me impele a desejar, que me orienta no sentido de entrar em contato com a realidade.

Se me falta esse Outro com seu afeto, com o seu desejo, fica difícil para a criança desejar o mundo, desejar a si própria, querer conhecer e expressar esse conhecimento pela linguagem (talvez a explicação para a questão do “desconhecimento” na aprendizagem).

Sua fala se cala no sentido metafórico e seu desejo adormece, acarretando, talvez, uma estagnação em sua tentativa de conhecer a realidade como também uma lentificação e viscosidade em sua fala, nos aspectos da funcionalidade e singularidade.

Como não se seduzir por essas questões?

Parece faltar à criança, nesse sentido, o significado de confiança no Outro, acarretando angústia na não-satisfação de necessidades básicas e projetando-se para um futuro onde dificilmente o “desejo” em sua realização vai poder ser adiado.

“Mães amorosas mas inseguras, confusas, contribuem para que a criança se desenvolva sem parâmetros nítidos, sem diretrizes nas quais apoiar o seu desenvolvimento”. (SPINELLI, 1986, p. 171)

A criança, por falta de confiança no Outro, acaba construindo inconscientemente defesas frente ao mundo que lhe é ameaçador e perdendo mesmo o desejo de ler esse mundo através de sua fala e sua escuta.

Winnicott nos chama a atenção para a questão de que a esquizofrenia parece ser uma organização de defesa altamente sofisticada frente a um mundo ameaçador.

Acredito já ter pontuado uma série de questões sobre a importância e o valor do afeto na relação mãe-bebê e sua importância na compreensão da linguagem em seu funcionamento. Continuar dissertando sobre a temática do afeto e do desejo acabaria por levar este trabalho para o âmbito da psicologia do desenvolvimento infantil, fugindo assim da proposta original.

#### IV – Considerações finais: argumentos não-conclusivos

*“Uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou imagem tem um aspecto ‘inconsciente’ mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado”.*

*Carl G. Jung*



Em uma primeira instância, espero ter deixado claro que, em nenhum momento, foi meu objetivo – até mesmo por não me sentir capacitado teoricamente – questionar ou criticar no sentido de propor mudanças na teoria interacionista de De Lemos sobre aquisição de linguagem. Como está explicitado no objetivo deste trabalho, minhas inquietações a partir de meu fazer clínico me cobravam um atravessamento de enfoques, para melhor compreender a realidade de minha clientela.

Acredito que procurei refletir sobre a questão da funcionalidade da linguagem, vendo-a embebada de afeto, sendo também expressão do desejo da criança e do Outro com o qual interage.

Procurei ver o papel da mãe na relação primordial com a criança, como o Outro, como o lugar de onde se origina o código, as palavras que vão “moldá-lo”. Por não poder reconhecer suas necessidades, é através da linguagem da mãe que a criança as reconhece de forma inconsciente. A mãe não apenas lê essas necessidades como também, por meio do desejo, de seu desejo as constrói. Assim, a mãe, além de ser o Outro (imagem de identificação com a qual a criança vai identificar-se) vai ser também, sem dúvida, o Outro, lugar mesmo do código.

Como não considerar essas questões na clínica em crianças com dificuldades de aprendizagem? Como não acreditar que a leitura do mundo, através da fala infantil, depende dessas determinações inconscientes? Não se pode em situação clínica não pensar em atravessamentos. O “ecletismo” parece ser possível.

Sem dúvida, a linguagem só pode ser compreendida em sua funcionalidade e singularidade, como nos aponta De Lemos. Porém, na clínica, há de se fazer uma escuta psicanalítica dessa funcionalidade e dessa singularidade, para além do manifesto, entendendo a sua mensagem em um nível no qual ela é efetivamente elaborada (simbólico).

Há de se ir pelos caminhos da linguagem ao lugar do afeto, dos atravessamentos dos desejos, que inconscientemente habitam essa realidade.

Um longo caminho ainda há de ser trilhado na tentativa de iluminação desse atravessamento, deixando sempre uma luz acesa, evitando, assim, os perigos da utopia sectarista...

## NOTAS

- <sup>1</sup> Refiro-me às teorias de Piaget e Vygotsky.
- <sup>2</sup> Anotações de aula.
- <sup>3</sup> “Esto no significa, sin embargo, una discontinuidad respecto a mis trabajos anteriores (De Lemos, 1981, 1982, 1985 y otros). En ellos, lo que se veía al tomar el diálogo adulto-niño como unidad de análisis en las fases iniciales de la adquisición, era el efecto lingüístico-discursivo, del adulto sobre el niño. El estudio de los períodos posteriores trajo a luz otros fenómenos indicativos de que a las relaciones entre los significantes del niño y los del adulto dentro de un espacio discursivo dado, le sucedían una reorganización / resignificación en el interior del próprio enunciado del niño”. (tradução livre)

## Referências bibliográficas

- BARONE, Leda M.C. *De Ler o Desejo, ao Desejo de Ler*: Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.
- DE LEMOS, C. T. G. *Língua e Discurso na Teorização sobre Aquisição de Linguagem*. LETRAS DE HOJE, Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 9-28, 1995.
- \_\_\_\_\_. “Uma Abordagem Sócio-Construtivista da Aquisição da Linguagem”, “Um Percorso e Muitas Questões”. Anais do In: Encontro Nacional de Aquisição de Linguagem, 1, 1989, Rio Grande do Sul. Anais...

FREIRE, R. M. *O Objeto da Fonoaudiologia*.  
Texto Inédito. In: SEIMNÁRIO..., 2. 1996,  
São Paulo. (não publicado).

JUNG, Carl G. *O Homem e Seus Símbolos*. Rio de  
Janeiro, Nova Fronteira, 1966.

SPINELLI, M. *Fatores Emocionais na Origem do  
Retardo de Linguagem*. São Paulo, v. 1, n. 4. p.  
169-178, 1986.

\_\_\_\_\_. *Os Problemas de Comunicação na  
Clínica dos Distúrbios do Desenvolvimento In-  
fantil*. USP, v. 2, n. 3, 1997.

VIOLANTE, Maria L.V. *A Criança Mal-Amada.  
Estudo Sobre a Potencialidade Melancólica*. Rio de  
Janeiro: Vozes, 1995.

WINNICOTT, D.W. *O Brincar e a Realidade*. Rio  
de Janeiro: Imago, 1975.

